



As nympheaceas

Compõe-se esta familia de cinco generos e cincoenta especies, habitando todos o hemispherio boreal. Bem que se encontrem alguns d'elles na extremidade austral da Africa, são, geralmente, raros no hemispherio meridional.

Na America do Sul, as nympheaceas, são representadas pelo genero *Victoria*. Estas plantas passam por sedativas e narcoticas; mas as virtudes que se lhes attribuem parece serem puramente imaginarias. O que lhes valeu esta reputação, foi, sem duvida, a alvura das flores de certas especies, e a sua vegetação em aguas tranquillias e frescas. Os Turcos fazem uma bebida refrigerante com as flores da *Nuphar* ou *Nenuphar* amarello (*Nuphar luteum*) que elles denominam *Puferciceghi*. As folhas d'esta planta passam por adstringentes.

As raizes das nympheaceas teem um certo gráo de amargor e de adstringencia, o que ha dado lugar a serem empregadas contra a dysenteria. Contem uma grande quantidade de fecula, e, depois de muitas e successivas lavagens, podem ser tomadas como alimento, sem inconveniente.

As sementes d'estas plantas são mui procuradas, em tempos d'escasseza de mantimentos, pelos povos selvagens das regiões onde ellas vegetam. Teem o gosto das sementes de papoulas, e comem-nas cosidas ou cruas, como o milho.

Mas, de todos os generos e especies que constituem esta rica familia de plantas aquaticas, a mais bella e a mais gigantesca é, sem contra-

dicção, a *Victoria regina*, da qual offerecemos hoje o desenho aos nossos leitores. Os habitantes da America do sul denominam-na *Milho d'agua*, por causa das propriedades nutritivas da fecula que contem em abundancia. Esta planta gigante, que pode ser collocada entre as maravilhas do reino vegetal, nasce nos grandes rios da Guyana e do Brazil septemtrional. As suas folhas arredelladas, de um a dois metros de diametro, fluctuam sobre a agua, em forma de largos discos orbiculares, lisos e verdes pela parte superior, com uma borda em torno de seis centimetros, como a de uma grande bandeja. Pela parte inferior, as folhas são avermelhadas, e divididas em uma multidão de compartimentos por nervuras muito salientes, que deixam entre si espaços triangulares ou quadrangulares, nos quaes pode conservar-se o ar que contribue para sustentar as folhas ao de cima da agua. O peciolo, que parte do fundo das aguas, é todo coberto de espinhos, bem como as nervuras das folhas, o pedunculo e o calice da flor. As flores, algumas de trinta e tres centimetros de largura, teem o calice formado por quatro folhas de dezeseis a dezoito centimetros de comprimento, e oito de largura, avermelhadas pela parte exterior e brancas pela interior. Dentro d'estas folhas, ostenta-se, circular e symetricamente, um numero consideravel de petálas brancas a principio, mas que se vão tornando encarnadas á medida que a flor cresce. Esta flor exhala um perfume delicioso. O fructo que lhe succede é espherico, e no estado madu-



ro, apresenta o tamanho de um pão de arratel: está cheio, de sementes arredondadas e farinhosas próprias para servirem de alimento.

### MYTHOLOGIA DA NOVA ZELANDIA

Os filhos deshumanos, cujo procedimento cruel referimos, são as seis divindades primitivas da Nova Zelandia. Reconhecem-nas pelo nome de Atua como objectos de adoração suprema aos quaes rogam pelas aves dos bosques, pela boa colheita dos fructos cultivados ou silvestres, pelo seu bom exito na guerra, pelos ventos favoraveis, pelo bom tempo e pela abundancia. A palavra Atua, que Thomson acha semelhante á voz sânskrita Deva, Deus, parece significar, segundo Taylor, *lá mais fóra* como a sombra de um homem, um espirito, um deus, ou qualquer cousa fóra da nossa comprehensão.

Quando as baleias se agitam e os peixes saltam fóra, da agua, os naturaes do paiz dizem que isto é feito em honra do seu deus Tangaroa; e quando os homens derribam as arvores dos bosques primitivos, para cultivarem a terra que occupavam, dizem: os filhos de Tanemabuta são derribados.

Segundo a versão da mythologia tradicional da Nova Zelandia, de Shortland, Te Tengata ou o homem, é o descendente de Tane e Paia. Segundo Taylor, Tiki é superior a Tane, apparecendo como o verdadeiro Prometheu da Oceania; porque diz-se que formou o homem á sua semelhança, tomando um bocado de argilla, amassando-o com o seu sangue, e dando alento a esta figura; ou amassando a argilla com agua misturada com ocre encarnada, modelando-a pela sua propria fórma, dando-lhe o seu proprio nome e chamando-lhe *semelhança de Tiki*. Outras tradições designam expressamente Tumata-uenga como pae do homem.

Os descendentes do homem assim criado, multiplicaram-se na terra até o nascimento de Maui, o grande heroe da mythologia da Nova Zelandia. Maui teve cinco ou seis filhos, o mais celebre dos quaes foi Maui, o da trança, o symbolo do poder de seu pae. Foi elle quem, ajudado por seus irmãos, pescou Hawaiki, com o queixo de seu avô, de sua avó ou de outro qualquer dos seus antepassados; foi elle tambem que, dirigindo-se um dia para Leste, para o verdadeiro ponto d'onde o sol se eleva, prendeu este astro á terra com grossas cordas, que desde então foram os raios solares; foi elle, igualmente, quem muito trabalhou na terceira divisão do mundo e, que, impotentes para impedir que o sol se occultasse no oceano, ligou-o á lua de modo tal que, quando o sol se põe, a lua se levanta do outro lado da terra; em fim, este semi-deus foi quem tratou de secar Hine-nuite-po e cuja prova e mau exito trouxe a morte ao mundo e toda a nossa afflicção.

Os successores de Maui são tão numerosos, que devemos passal-os em silencio; mencionaremos, com tudo, Tu, deus da guerra no Norte; Maru,

deus da guerra no Sul; Tonga, deus das enfermidades, e Manika, pae do fogo. Varios poderes relacionados com Tonga, que habitavam na frente, dominavam as differentes partes do corpo humano e lhe inflingiam castigos ou o secavam e lhe produziam a sua consumpção. De alguns d'estes seres sobrenaturaes, nascidos da terra, procediam algumas familias do reino animal, como a enguia, o lagarto e outras.

O culto dos deuses está unido, na Nova Zelandia, ao dos antepassados; suppõem que os espiritos dos mortos estão intimamente relacionados com os acontecimentos terrestres; em geral o interesse d'estes espiritos está limitado ao povo ou tribu a que pertenceram. Seguem o exercito, dirigem os seus movimentos, dão conselhos ou inspiram valor; estes espiritos omniscientes são as almas dos chefes distinctos; d'elles proveem todos os castigos d'este mundo. Elles guardam, com sollicito cuidado, a sagrada instituição chamada Tapu. Entram em pequenas figuras de madeira grosseiramente trabalhadas e dedicadas aos espiritos dos antepassados, fazem d'ellas a sua morada e d'ali conversam com os vivos. Umas vezes communicam a sua vontade em sonhos, outras, approximam-se dos mortaes, quando estão acordados, fallando-lhes com voz mysteriosa, como um murmurio ou como um silvo, semelhantes aos espiritos da mythologia grega, um sonido tão parecido aos *susurros* do verdadeiro nigromante, que, o que estuda a religião da Nova Zelandia acha-se inclinado a resolver esta articulação sobrenatural considerando-a como o modo de proceder de um ventriloquo.

O culto dos antepassados toma aqui algumas vezes, a fórma de uma especie de sabeismo, porque os naturaes do paiz suppõe que os heroes convertem-se em estrellas, mais ou menos brilhantes, conforme o numero de victimas que teem feito na guerra e de cujo espirito e poder se haviam aposado por meio da vista. O povo d'estas ilhas consagra o arco iris a um dos seus divinos antepassados. Não sómente é a residencia de Uenuku, senão que serve tambem como um oráculo, segundo a sua posição á direita ou á esquerda, annunciando a approvação ou desapprovação de uma empresa. Em algumas occasiões os espiritos d'estes antepassados divinizados vão habitar os corpos dos lagartos, das aranhas, dos passaros, dos vermes e das moscas e entram tambem na bôca dos sacerdotes, cujas palavras ou factos durante este periodo estão considerados como os actos immediatos da divindade que n'elles habita. Os deuses e os heroes divinos teem os seus medianeiros na terra; o sacerdocio rodeado de um circulo sagrado, está representado pelas familias mais nobres do paiz. Os cantos que dirigem aos seus deuses, estão compostos em um idioma inintelligivel para os que não pertencem ao sacerdocio, o qual é uma prova da sua extraordinaria antiguidade. O summo sacerdote hereditario conta, entre suas funcções, a obrigação de fazer cumprir as leis de Tapu, a cura dos enfermos, o ceremonial da morte e do nascimento (porque o baptismo das criaturas



é um rito da religião da Nova Zelândia) e a instrução dos jovens nos cantos e tradições populares. Elles também pintam o corpo e formam parte do conselho na guerra e na paz, na fome e na abundancia; especialmente servem para interpretar os desejos dos deuses, observando o vôo das aves, os meteoros, o brilho e posição das estrelas ou deduzindo-os pelos sonhos, pelo arco-iris, ou pela sombra que faz a agua.

Os habitantes da Nova Zelândia acreditam em uma vida posterior a esta; não admittem a resurreição do corpo, mas affirmam a immortalidade da alma. Po, ou a noite, é o nome do inferno; ha n'elle duas moradas para a alma dos mortos; uma é Reniga, situada no meio do mar e accessivel por uma caverna em um rochedo escarpado junto do cabo de Santa Maria, na terra de Van Diemen; e a outra, uma das divisões mais inferiores de Rangi, ou o céu; mas nenhum d'estes pontos era para soffrer, porque os peccados são castigados n'este mundo e não no outro. As distincções sociaes conservam-se na vida futura: o chefe torna a ser chefe e o escravo continúa escravo. N'esta religião ha também, como na grega, um ente destinado a conduzir a alma dos mortos.

Os Taniwhas e Ngararas, os dragões d'esta mythologia, espalhavam em outro tempo o terror e a desolação por toda parte; Taniwha, porém, transformou-se de balcia em lagarto, de lagarto em crocodillo e de crocodillo em enguia, ficando unicamente para provar que o antigo espirito não morrera. A Taniwha attribue-se-lhe essa terrivel catastrophe que ainda em nossos dias condemnou a uma morte prematura sessenta homens de Taupo, inclusivè o seu temivel chefe, que se chamava a si proprio, descendente da grande montanha de neve Tonga Riro, cujo nome provinha da questão que tivera com outra montanha masculina, sua rival no affecto de uma pequena imminecia feminina e vulcanica que havia nas cercanias.

Entre os monstros fabulosos contam-se Maero, o selvagem das collinas, que, ás vezes, desce ás planicies para levar o que pôde colher, e Taipo, espirito errante e nocturno, que falla com os homens, mas que desaparece no momento em que uma mulher abre a bôca.

O mundo mystico da Nova Zelândia não é somente povoado pelos deuses e semideuses; ha, além d'isso, os Patu-paearches, ou gigantes vestidos de branco, das montanhas, que estão estreitamente ligados com os Tuariki ou pequenos deuses, cuja origem é, provavelmente, a deificação das nevoas da manhã; vêem-se unicamente de manhã e raras vezes sós: são altos, comprazem-se em ouvir a flauta, amam os mortaes e consideram-nos parentes dos albinos; d'elles aprenderam os homens a pescar e a tecer as redes, e parece preferirem o imaginario ao real, pois, segundo uma lenda do paiz «levavam contentes as sombras das joias de Te Kanawa deixando atraz os objectos, porque satisfaziam-se com o apanhar unicamente as sombras.»

O homem mais perfeito é o que mais util é a seus irmãos.

ALCORÃO.

## O CHOLERA

## I

Dispõe-se o pastor á dança;  
Arraia-se de louçainhas,  
Por brilhar mais na folgança;  
Todos se ajuntam á sombra,  
Revoluteiam na alfombra.

Tra la la la

Traderi la

Assim cantam pastorinhas.

Salta, pula, acotovela  
Rapariga descuidosa;  
Exclama então a donzella,  
Com as faces côr de roza:  
Que rapaz tão mal creado!

Holá! ah! ah!

Traderi la

Vê se arranjas outro agrado.

Rodopia a dança a oito;  
Fluctuam saias á brisa;  
Braço a braço, peito a peito,  
Salta um par, o outro deslisa.

Tra la la la

Traderi la

Ninguem foge ao bom preceito.

Uma diz: eu não te creio;  
Não finjas essa ternura.  
O rapaz, no seu aneio,  
Leva-a consigo á espessura  
Sob a copa do salgueiro.

Holá! ho! he!

Traderi lá, traderi lé

Que festa vae no terreiro!

Assim cantam os bons aldeãos, por entre folgedos e bailados; dando largas á sua rustica alegria. Era tudo festa, tudo sorrisos e amor.

Apparece então o doutor Fausto. Era bello o vêr como os aldeãos começam de abraçal-o e festejal-o, entoando-lhe elogios e agradecimentos, porque os libertara de uma epidemia que os flagellára.

Fausto sorri cynicamente.

Arrastado pela verdade, que se lhe erguia no peito e lh'o entumecia em ondas de amargura, trava do braço de Wagner, seu complacente interlocutor, e brada em um accesso de profundo e, desgraçadamente, verdadeiro scepticismo:

«Subamos ainda um pouco até esta pedra, para descansar.

«Muitas vezes me sentei aqui, immerso em meditação, extenuado pelo jejum e pelas rezas. Rico de esperanças, firme na minha fé, á força de prantos e suspiros, com as mãos postas esperava obter do céu o fim d'esta epidemia. Agora os suffragios da multidão parecem-me amarga ironia! Oh! se tu podesses ler no fundo da minha alma o quanto o pai e o filho são indignos de tanta gloria! Meu pai era um pobre homem obscuro, que tinha a pecha de inquerir a natureza e os seus sacros mysterios, lá á sua moda, com quanto honradamente e para bem dos outros.

«Rodeado de adeptos, encerrava-se no enfumado laboratorio, e seguindo innumeradas receitas, aprazia-lhe combinar os contrarios. . . . .



«Administrava-se o remedio, morriam os doentes e ninguem perguntava quem tinha curado. Assim n'estes montes e n'estes valles, com os nossos mixtos infernaes, fizemos mais victimas do que o contagio. Eu proprio ministrei o veneno a milhares; morreram. Sobrevivi para ouvir celebrar os assassinos arrojados.

«Wagner, Porque razão vos atormentaes assim?

«Pois um homem honrado não cumpre o seu dever, quando executa pontual e conscienciosamente a arte que lhe ensinaram?

«Mancebo, se respeitas teu pai, aprazer-te-ha o seu ensino; se fizeres progredir a sciencia, poderão teus vindouros pôr a mira em mais altos destinos.

«Fausto. Oh! Bemaventurado o que ainda espera surgir d'este oceano de erros. Carecemos de muito, e isso é o que ignoramos; sabemos pouco, e isso é o superfluo.

«Mas, porque turrar com tão mofo pensar a dulcissima ventura d'esta hora? Olha como os clarões do occidente batem nas choças mergulhadas na verdura. O sol declina e extingue-se, expira o dia, mas vae levando a outras regiões nova vida! Oh! se eu tivera azas para me librar no ether e seguir o sol continuamente!

«Contemplara o mundo silencioso a meus pés, envolto em eterno crepusculo! Vira inflammam as grimpas, escurecer os valles e o argenteo riacho perder-se nos rios de ouro!

A montanha nemorosa não mais se opporia ao meu vôo divino! Já o mar entreabre os seus golphos ardentes aos meus olhos espavoridos. E, contudo, o deus lá vae desaparecendo. Reanime-se o meu esforço e prosiga a embriagar-me nos seus eternos jorros. Diante de mim o dia; atraz de mim a noite; lá em cima os céos; a meus pés as ondas! Sonho sublime que se esvaece! Ai! dor! O corpo não tem azas para seguir o espirito, e, contudo, ninguem ha que não seja levado pelo sentimento para além das nuvens, quando nas alturas, perdida no azulado céu, a andorinha solta o seu agudo trinado, quando dos pincaes alcaatilados e umbrosos se ergue a aguia batendo as azas, quando por sobre a planura e o mar volta o grou à sua patria.» (1)

## II

Quereis saber, leitor, necessariamente amigo, porque ves dei estas paginas de Goethe?

O *Panorama* não podia eximir-se a dar algumas das suas columnas, embora poucas, ao terrivel hospede do Ganges. Este seculo foi o primeiro que o vio na Europa, sendo esta ultima já a terceira visita que tão importuno hospede nos faz. E' elle dos acontecimentos notaveis do seculo; é na actualidade um dos assumptos mais *palpitantes*; o objecto de estudo dos sabios; o thema predilecto das conversações d'aquelles mesmos que, pouco ha ainda, (2) mudos e tranzidos de terror jam saber do telegra-

(1) Fausto de Goethe. Trad. ined.

(2) Note-se que isto foi escripto ha oito mezes.

pho os progressos que em sua marcha ia fazendo; é por isso, repito, que o *Panorama* tinha forçosamente de lhe dar cabida em suas columnas.

Fôra eu o encarregado de fazer a apresentação de tal hospede aos leitores. Fui guardando essa tarefa, na verdade não muito agradavel, para quanto mais tarde poudes, e n'isso se me antolhavam algumas vantagens: o assumpto tornava-se cada vez mais estafado; todos os jornaes scientificos o tinham tomado á sua conta; n'este caso, tendo poucas novidades a dar, menos trabalho teria, desculpe-se-me esta franqueza, e menos enfadaria os meus leitores: embora o inimigo vá fugindo, é elle de natureza tal, que mesmo já pelas costas ainda assusta, e fallar n'elle não é lá das coisas mais agradaveis.

A final não houve remedio senão pôr-me á minha meza de trabalho, e, rodeado de jornaes que só do cholera se occupavam n'uma infinidade de paginas, procurar novidades que dar a meus futuros leitores.

Passadas assim algumas horas em baldado procurar, disposto já quasi a deixar o cumprimento de tal tarefa para um eterno amanhã, peguei de um livro ao acaso e esse acaso quiz que o livro fosse o Fausto; quiz mais o acaso que logo me dessem na vista as poucas paginas que acabais de lêr. Pasmeei então de vêr n'essas paginas, em admiravel resumo a historia de todas as epidemias de que ha memoria. O povo então, como sempre, como hoje, esquecendo em folguedos e danças o flagello que o açoitou; a sciencia não podendo dizer hoje mais que então disse pela boca de Fausto, d'esse mytho eterno e eternamente verdadeiro da encyclopedia humana!

Para logo fiz tenção, amigo e benevolo leitor, de vos dar essas paginas a troco do que vos teria a dizer sobre a actual epidemia. As paginas ahi ficam já; do que vos não livro porém é de mais algumas da minha lavra.

O unico meio que tenho a meu dispor para me fazer perdoar a temeridade de fallar depois e em seguida a Goethe, é ser o mais resumido e laconico possivel.

E' o que vou fazer.

(Continua)

## UM SONETO DE LEONARDO VINCI

Que todo aquelle que não pôde obter o que quer, queira o que pôde, porque é loucura querer-se o impossivel: logo, é acertado o homem não querer o que não pôde.

Se o nosso prazer degenera em desgosto porque se não sabe querer o que é possivel, sómente pôde aquelle que faz o que deve e tira a razão da sua propria natureza.

Nem sempre se deve querer o que é possivel, porque muitas vezes o que parece doce é amargo, e por vezes tenho-me arrependido, depois de as ter obtido, de haver querido certas cousas.

Logo, ó leitor d'estes versos, se queres ser bom para ti e caro a outrem, quer sempre poderes o que deves poder.





Cathedral de Chartres

A cidade de Chartres, capital do departamento d'Eure-et-Loire, na França, está situada no cume de uma montanha, junto da qual passa o rio de Eure, que banha uma parte das suas muralhas e vivifica os seus lindos arrabaldes. Esta cidade está rodeada de velhas fortificações, que testemunham ao mesmo tempo a sua antiguidade e importancia. Datam ellas dos seculos XI e XII, e são construídas com solidez tal, que muito tempo antes da invenção da artilheria, passavam quasi por inexpugnáveis. O facto é que Henrique IV, em 1591, sitiou a e não pôde assenhorear-se d'ella. Consistiam estas fortificações em uma cerca de muralhas muito altas, apoiadas sobre um terraplano de muitas toesas de largura, e flanqueadas de grossas torres redondas. As portas são em numero de sete. A mais notavel é a porta Guilherme, que recebeu o nome do vidama de Chartres no tempo do qual foi construída. O seu

aspecto guerreiro é imponente. De um e outro lado elevam-se duas torres unidas por uma cortina, e guarnecidas de amêas e setteiras.

Nem todo o espaço comprehendido n'esta vasta cerca de muralhas estava coberto de casas. Uma grande parte compunha-se de jardins, praças e mesmo bosques e terras de sementeira; pouco a pouco, porem, foram utilizando estes terrenos, e por toda parte se elevaram edificios, igrejas e conventos: mas estas construcções nunca foram muito longe, porque a cidade poucas casas modernas apresenta. Tudo ali, mais ou menos, falla dos tempos antigos. As ruas são estreitas e mal alinhadas, e, em alguns pontos da chamada cidade baixa, de tal modo escarpadas, que se tornam inacessíveis a trens: algumas das que seguem o declivio da montanha tem a forma d'escadas. As casas, quasi todas edificadas de madeira e terra, tem as portas em ogiva, ornadas de esculp-



turas gothicas. Não obstante, porem, a cidade no seu todo estar mal construída, encontram-se ali alguns bairros agradáveis, e algumas praças publicas vastas e muito regulares.

Quanto a monumentos, Chartres conta poucos notaveis, á excepção das igrejas, que todas são visitadas com interesse. Citaremos as de Saint-Aignan e de Saint Père, e, primeiro que tudo, a cathedral, uma das mais bellas construcções da architectura gothica em França. «Tenho observado um grande numero de monumentos, diz Fréminville, mas nunca vi nenhum que reunisse, como este, a extensão do plano á grandeza das proporções, o arrojo da construcção e a admiravel delicadeza dos ornamentos. Este edificio, enriquecido d'estatuas, de baixos relevos executados em differentes epochas, é um verdadeiro museu d'esculptura franceza de todas as idades, onde se pode abraçar só com um relancear de olhos os progressos successivos da arte e a chronologia dos costumes.»

Tem-se já fallado d'esta cathedral por tantas vezes e tão minuciosamente, que julgamos inutil entrar de novo em uma longa descripção: diremos apenas algumas palavras. A primeira basilica de Chartres foi incendiada pelos Normandos em 858, e reparada pouco tempo depois. No decimo seculo foi novamente presa das chammas, e, em fim, em 1020, um terceiro incendio, occasionado, dizem, pelo fogo do céu, consummou a cathedral e quasi toda a cidade. Achava-se então ali o bispo Fulbert, que desde logo começou a empregar todo o seu zelo e actividade, para fazer sair a cathedral das ruinas em que o grande desastre a tinha lançado. A rogos seus um grande numero de habitantes contribuiu, conforme as suas posses, para o restabelecimento do templo, e quando, em 1028, Fulbert morreu, o edificio achava-se quasi reconstruido. Dois dos seus successores e a princeza Mahaut, viuva de um duque da Normandia, fizeram continuar os trabalhos. O grande portico e a torre velha foram concluidos em 1145. A outra torre, pyramide magestosa, na qual trabalhavam em 1506, porque havia sido parte destruida por um raio, o capitulo determinou que se fizesse toda de cantaria.

Esta cathedral, cuja construcção se prolongou pelo espaço de cento e trinta annos, foi dedicada á Virgem, em outubro de 1260.

No exterior admira-se o frontispicio e as duas portas lateraes, que parece pertencerem ao decimo terceiro seculo: são ornadas d'estatuas, galerias, nichos, figuras e columnas de riquissima esculptura.

Os grandes florões que adereçam os portaes, são de um trabalho preciosissimo. No angulo meridional da igreja nota-se uma figura muito curiosa: é a de um burro, esculpido em pedra, que parece estar tocando harpa; designam-no no paiz pelo *burro que toca sanfona*. Talvez isto seja uma recordação da extravagante festa do burro, que se celebrava na idade media em muitas partes da França.

O interior da cathedral não é menos digno de attenção. Admira-se ali a grande harmonia das suas proporções e a magestade religiosa das suas abobadas, debaixo das quaes reina uma luz mysteriosa. Todo o edificio está guarnecido d'estatuas, na generalidade, bem trabalhadas; mas a mais notavel d'estas esculpturas é uma que existe

no côro, formando um grupo no qual sobressa a attitude nobre e elegante da Virgem. Conta-se que em certa época os vandalos das artes quizeram destruir esta obra prima, mas que foi salva devido á coragem de um homem, que teve a feliz idéa de pôr um boné encarnado na cabeça da Virgem, transformando-a d'este modo em deusa da liberdade: graças a esta burlesca metamorphose, a cathedral de Chartres poudo conservar um dos seus mais preciosos ornamentos.

O ambito exterior do côro, começado por João Texier, em 1514, e terminando segundo o seu risco, excita, igualmente, a attenção dos artistas pela riqueza da sua architectura e bella execução dos seus mais pequenos lavores. Esta obra é no estylo gothico mais rico e elegante.

Por debaixo da igreja, ha uma outra, dita *igreja subterranea*, para a qual se desce por cinco escadas differentes. Ha ali uma capella da Virgem, onde os fieis costumavam depositar as suas offer-tas; junto do altar está um poço chamado o *poço dos Santos*, porque no tempo do imperador Claudio, o governador de Chartres, tendo feito passar ao fio da espada um grande numero de christãos, mandou lançar os seus cadaveres n'este poço.

Taes são as partes mais notoveis d'este edificio, que, pela quarta vez, em 1836, foi victima de outro incendio, que lhe causou gravissimas perdas. Felizmente, o governo francez deu logo todas as providencias e a cathedral dentro em pouco achou-se restaurada.

O commercio e a industria, no departamento do qual Chartres é a capital, não teem grande importancia. O ramo principal das suas exportações é o trigo, do qual uma grande parte é deisnada ao abastecimento de Paris. A sua população não excede de 20000 almas.

### OS PELOTIQUEIROS PATAGÕES

Ninguem ignora que um dos jogos mais innocentes e, na apparencia, mais assustadores dos pelotiqueiros indios consiste em introduzir pela boca até o esophago, uma lamina brilhante de aço.

Quando pela primeira vez, em 1521, o nosso Fernão de Magalhães e a sua gente se acharam em relação com uma horda de Patagões, aquelles enormes selvagens, vestidos de pelles, acolheram com gritos de alegria os pequenos presentes que se lhes deram: as imagens pintadas, a missanga, os busios, e os guizos excitaram-lhes o seu jovial entusiasmo. Depois de terem dançado diante dos estrangeiros, quizeram divertil-os com um exercicio que tinha no bando grande successo. Um d'elles, agarrando em uma frecha armada da sua ponta aguda de silex, introduzio-a com toda a bravura no estomago.

Este caso de um pelotiqueiro patagão encontra-se na historia da primeira viagem de circumnavegação escripta em latim pelo Transylvano, e dictada por Sebastião del Cano, o feliz navegador que trouxe á Europa a *Victoria*.

### LONDRES

As industrias que florescem n'esta capital são principalmente as da fabricação da cerveja, papel, licores, betumes, sabão, assucar refinado, vinagre,



cortumes, manufacturas de seda, productos chimicos, machinas, carruagens, relogios, alfaias, generos de todas as classes, quinquilbarias, ferragens e outras muitas producções, que seria fastidioso enumerar.

Tão vastos negocios e cousas tão grandes não podem fazer-se com o estomago vasio sob a influencia de um clima que requer tão succulenta e nutritiva alimentação, e por tanto, os habitantes de Londres teem todo o cuidado em estivar os seus com a melhor carne, as melhores bebidas e o melhor pão que existem, para conservarem juntos e em boa harmonia o corpo com a alma. A povoação londrina digere annualmente, 300,000 novilhos, 40,000 vitellas, 1.100,000 carneiros, 250,000 borregos, 270,000 porcos, 20.000,000 alqueires de farinha de trigo reduzida a pão. 311.000,000 de batatas, 400.000,000 de peixes de todas as classes e tamanhos, 90.000,000 de couves, 5.000,000 de aves, 25,000 toneladas de queijo e manteiga e 600,000 coelhos e lebres de Ostende; além dos vegetaes não mencionados, fructas seccas e do tempo, e outros muitos generos que recebem do estrangeiro durante o anno.

Os meios de apagar a sede de tão poderosa e gastronomica communitade, não são menos prodigiosos. Um exercito de 20,000 vaccas poz cerco a esta capital e verte dia a dia torrentes de leite para os seus chás e cafés. Setecentas mil pipas de vinho, 2.000,000 galões de licores, 45.000,000 galões de cerveja e 2,166.000,000 chavenas de café e chá formam o estomacal molho dos seus alimentos solidos no mesmo periodo de tempo. Os hoteis, tabernas, não incluindo os *public-houses*, e casas de hospedagem, elevam-se, em Londres, a 2,407.

¿ Como não ha de ser, pois, industriosa uma povoação com tão descommunal appetite e uns estomagos tão sem fundo? E, não obstante, ha desgraçados que morrem de fome em Londres, miseria infinita e pauperismo que causam espanto ao animo do humanitario philanthropico, do reformador social e do homem politico. Não é, porém, este o lado que nos propomos mostrar aos viajantes, que esperamos sejam muitos, que queiram dispensar-nos a honra de acompanhar-nos com a imaginação n'esta viagem por Londres. Quando o dono de uma casa convida os seus amigos para que o visitem, tem sempre o cuidado de que estes não vejam, se é possível, os quartos mais pobres e os moveis mais arruinados. Pois bem, é isto precisamente que nós procuramos observar nas nossas digressões por este *mare-magnum*.

Em uma capital tão vasta e populosa como Londres, comprehende-se facilmente que os seus habitantes tenham de valer-se de alheios pés para transitar por ella; e isto explica o facto, que de outro modo pareceria fabuloso, de que corra diariamente por suas ruas o prodigioso numero de 300,000 carruagens de todas as classes. Só os omnibus, em numero de 800, fazem 300,000 milhas de caminho todas as semanas com 1.000,000 de viajantes. Os individuos que navegam nos va-

pores do rio, de um a outro extremo d'esta metropole, elevam-se a 30,000 diariamente; a ponte de Londres estremece com o peso diario de 30,000 carruagens, e a estação do caminho de ferro alija todos os annos n'esta grande-capital mais de 14.000,000 de individuos de todos os pontos da terra.

¿ Que tem, pois, d'estranho, em vista d'esta agglomeração de homens, barcos, carruagens e animaes, que percessem 750 criaturas atropelladas nas ruas de Londres, e que se afogassem no Tamisa outras 500 no anno de 1859? A primeira cousa que tem a fazer o viajante, que presa os seus delicados membros, antes de visitar esta capital, é aprender a andar por entre as pernas dos cavallos e as rodas dos carros, com a mesma impunidade que o celebre Blondin pela corda bamba; e no caso que se não julgue bastante agil para executar impunemente tal façanha, deve addicionar um capitulo respeitavel ao seu presuppuesto de viagem: *Gastos de locomoção em pés alheios pelas ruas de Londres*.

O methodo de vida de tão poderoso conjuncto de seres humanos não é menos digno de excitar a curiosidade e de occupar a attenção do viajante; esta materia, porém, por si só exigiria um livro. Um Inglez pode definir-se como um animal que come e trabalha muito e engole uma quantidade enorme de mostarda e cerveja. A sua grande virtude é o affinco ao trabalho. Ambicioso e livre por natureza, trabalha toda a sua vida para tornar-se a si proprio, a sua familia e a sua patria ricos, poderosos e independentes. O amor á liberdade é n'elle tão innato como o amor ao trabalho, á riqueza e á independencia, e este é o grande segredo da opulencia e poderio da nação britannica.

A raça anglo-saxonia foi dotada pela natureza com o genio de fazer dinheiro, e ainda que em seu afan por adquiri-lo soffra com frequencia trabalhos e privações, o prestigio e os gozos reaes que o ouro lhe proporciona, recompensa-o com usura de uns e outros. O dinheiro é como o ar que se respirá, sem o qual se não pode viver: torna o homem poderoso como a tromba ao elephante e os dentes e as garras ao leão.

As necessidades espirituas dos habitantes de Londres são satisfeitas por 855 clerigos da igreja anglicana e um exercito de dissidentes de todas as crencas. O total dos templos e capellas d'estes obreiros espirituas eleva-se a perto de um milhar. Os independentes contam com 140 lugares de adoração; os baptistas, teem 133; os methodistas, 154; os presbyterianos, 23; os unitarios, 9; os catholicos, 35; os moravianos, 2; e 94 as outras seitas, entre lutheranos, santos modernos, protestantes, francezes, gregos, allemães, italianos, etc. A communitade israelita, ali muito mais respeitada que entre nós, porque se compõe de homens, pela maior parte instruidos e de bons costumes, tem 11 synagogas, nas quaes rende culto ao Antigo Testamento.

(Continua)



## O MUNDO DO MAR

O elemento liquido occupa, pouco mais ou menos, dois terços da superficie do globo terrestre; a relação da superficie banhada com a superficie não banhada é de 3.8 para 1.2; e dos cinco milhões de myriametros quadrados que constituem a superficie do globo, 3.800,000 pertencem exclusivamente á soberania das aguas. ; Ora, seria possível que esta immensa extensão fosse privada das bellezas e riquezas da vida, em quanto que a terra offerece na sua flora e no seu fauno uma tão grande variedade, uma tal opulencia? Os antigos naturalistas estavam longe de comprehender toda a riqueza dos oceanos, e o mesmo Linneo, fallando dos vegetaes do mar, mostrava conhecer uma quantidade insignificante.

Hoje a sciencia, menos incompleta, tem sondado as profundezas oceanicas, e, n'essas occultas regiões, tem achado uma exuberancia de vida não inferior á que se manifesta nos continentes. Existe ali um mundo, um mundo verdadeiramente novo, cujas classificações relativas ás plantas e animaes aerios não nos poderiam dar uma idéa bastante clara. O mar offerece ao observador um centro onde folgam mil formas animaes, florestas que abrigam hospedes mais numerosos e não menos variados que os das florestas terrestres.

Comtudo, devemos dizer que, se no mar existe incomparavelmente maior numero de animaes que na terra, a vida vegetal, ali, não é tão largamente representada; mas parece que ha n'isto compensação; porque o mundo dos polypos cria para o oceano uma serie de seres ao mesmo tempo vegetaes e animaes que lhe dá uma vida insolita, estranha, complicada.

Sim, o mar é um mundo novo, cujas ricas e variadas produções formam o ramo mais maravilhoso da historia natural. O livro posthumo de Moquin-Tandon revelou o valor d'este mundo, e pela primeira vez reunio em um mesmo cofre todas as perolas occultas do elemento liquido. Ouviremos hoje o que elle diz a respeito das plantas.

Observemos primeiro, com Schleiden, que toda a flora submarina comprehende quasi exclusivamente uma só grande classe de vegetaes, as algas ou os fucos, — que são, accrescentemos tambem, as primeiras plantas criadas. «Estas plantas offerecem uma tal diversidade de formas, que uma paizagem no fundo do mar não é nem menos interessante, nem menos variada do que a que apresenta uma região na qual o sol imprimisse o rico sello da vegetação luxuriante dos tropicos. Uma estructura particular, molle, gelatinosa em todas as suas partes; um conjuncto de orgãos arredondados ou alongados e estendidos, aos quaes as expressões de talos e de folhas não são applicaveis como nas outras plantas; brilhantes côres de um tom verde, azeitonado, amarello rosa e purpura, por vezes levemente sortidas sobre o mesmo orgão foliaceo, tudo isto imprime n'estes vegetaes um caracter estranho e magico.»

As plantas do oceano, diz o auctor do livro que

acima citamos, não se assemelham muito ás que guarnecem os nossos bosques e os nossos valles. Em primeiro lugar, não tem raizes. As que fluctuam são globulosas ou ovoides, tubuladas ou membranosas, sem apparencia alguma de corpo radicular. As que adherem estão fixas por uma especie de pé superficial, mais ou menos, lobado e dividido. A terra em nada contribue para o seu desenvolvimento, porque o seu ponto de origem é sempre exterior. Tudo se passa na agua, tudo vem d'ella e tudo a ella torna.

«As plantas terrestres escolhem tal ou tal terreno; não prosperam senão em solo determinado. As plantas marinhas são indifferentes ao rochedo que as supporta. Quer este seja calcario, quer seja granitico, a ellas nada aproveita: assim crescem indistinctamente por toda parte, mesmo sobre os coraes ou sobre as conchas. Estas hydrophitas não possuem nem verdadeiros talos, nem folhas verdadeiras; dilatam-se muitas vezes em laminas, largas ou estreitas, de uma só ou de muitas peças que fazem parte d'este orgão. Assemelham-se ora a correias ondeadas, ora a estames encrespados; estes espessos e coreaceos, aquellas delgadas e membranosas. Ha algumas que poderiam ser tomadas por pequenos balões transparentes, por estofos regularmente estampados, por bocados de geleia, por fitas, por boldriés de pelle curtida, por leques de papel verde. A sua superficie é, ora lisa, polida, mesmo lusidia, ora coberta de papillas, de verrugas ou de verdadeiros pellos. Acha-se n'ellas uma especie de unto viscoso, um pó salino, uma efflorescencia assucarada, e, algumas vezes, um sedimento cretaceo. A côr é azeitonada, loura, amarella, de um pardo, mais ou menos, escuro, verde, mais ou menos, claro, rosa, mais ou menos, delicado, carmim, mais ou menos, vivo. Alguns auctores tem-na dividido, segundo as suas tintas dominantes, em tres grandes secções: as pardas (*melanospermadas*) as verdes (*chlorospermadas*) e as vermelhas (*rhodospermadas*). As primeiras são muito mais numerosas. Enterram-se, mais ou menos, e parece occuparem no oceano tres regiões, mais ou menos, distinctas; são estas as que constituem a maior parte das florestas submarinas. As verdes são superficiaes e muitas vezes fluctuantes. As vermelhas encontram-se habitualmente em pequenas profundidades e sobre os rochedos pouco distantes da praia.»

## UM DITO DE ISAAC NEWTON

O illustre Isaac Newton, a quem a sciencia moderna deve tão importantes descobertas, dizia pouco tempo antes da sua morte: «Não sei o que pensa o mundo a meu respeito; mas quanto a mim, julgo que faço o effeito de uma criança brincando á borda do mar e entretendo-se a apanhar de tempos a tempos uma pedrinha mais polida, uma conchinha menos commum do que as outras, em quanto que o grande oceano da verdade estende-se mysterioso e insondavel diante de mim.»